

## **Crítica da sociedade de consumo e do moralismo ideológico da ditadura militar em *Grande liquidação* de Tom Zé**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

*Guilherme Araújo Freire*

*Universidade Estadual de Campinas – guilhermefreire@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho realiza um estudo sobre o primeiro disco de Tom Zé – *Grande liquidação* – e sua unidade temática. Situando-se em um contexto político-econômico de crescente desenvolvimento urbano, da configuração mais concreta de uma sociedade de consumo e um processo corrente de consolidação da indústria cultural, Tom Zé produziu um disco que ilustra satiricamente certas transformações da sociedade paulistana, resultantes do modelo de desenvolvimento imposto pelo regime militar.

**Palavras-chave:** Música Popular. Canção. Experimentalismo.

**Critique of Consumer Society and of the Ideological Moralism of the Military Dictatorship in *Grande liquidação* of Tom Zé**

**Abstract:** This paper performs a study on the first disc of Tom Zé – *Grande liquidação* – and its thematic unity. Placed in a political-economic context of increasing urban development, of a concrete configuration of a consumer society and of a process of consolidation of the cultural industry, Tom Zé has produced a disc that illustrates satirically certain transformations of the society of São Paulo, resultant of the model of development imposed by the military regime.

**Keywords:** Popular Music. Song. Experimentalism.

### **1. Da comunidade iraraense para a *urbe* paulistana**

Depois de concluir sua formação na Universidade Federal da Bahia e participar ainda de algumas atividades ligadas à instituição em 1967, Tom Zé muda-se para São Paulo levando sua experiência rural e interiorana de Irará misturada com informações das vanguardas estético-intelectuais europeias recebidas nos Seminários Livres de Música ministrados por H. J. Koellreutter. No ano seguinte, já ambientado em São Paulo, começa a participar de programas de televisão e festivais de canção, como o da TV Excelsior com a canção “Catecismo, Creme Dental e Eu” ou o III Festival de Música Brasileira da TV Record com a canção “A Moreninha” (cf. ZÉ, 2003).

Se considerarmos o passado rural e sertanejo de Tom Zé – cujo tipo de experiência estava muito mais atrelada a um contexto de comunidade pré-industrial de Irará e suas relações marcadamente pessoais<sup>1</sup> – e as diferenças dos seus costumes e hábitos em relação a uma sociedade urbano-industrial, talvez possamos afirmar que tais diferenças de vivência possibilitaram uma percepção diferenciada da grande metrópole, um ponto de vista supostamente mais distanciado. Assim, seja pelo impacto cultural de duas sociabilidades distintas e as impressões daí decorrentes, seja pela incorporação da vivência do

cosmopolitismo efetuada junto ao tropicalismo, Tom Zé acabou adotando a *urbe* como centralidade temática para compor doze canções e produzir o seu primeiro disco *Tom Zé – Grande Liquidação*, que foi lançado ainda em 1968 pela gravadora Rozemblit. Com humor e uma visão crítica da sociedade de consumo e das contradições e problemas da urbanização, Tom Zé misturou elementos potencialmente antagônicos no período, como sonoridades da Jovem Guarda (com o uso de guitarra elétrica e órgão), ritmos brasileiros, arranjos de banda marcial e procedimentos experimentais da música erudita da vanguarda europeia.

Apesar de Tom Zé ter empregado instrumentos e signos associados à Jovem Guarda, segmento musical fortemente atrelado a estratégias de marketing da indústria cultural, o compositor não deixou de conceituar uma temática com críticas explícitas à sociedade de consumo e ao esquema publicitário, reveladas em textos presentes na contracapa do disco. Segue abaixo um trecho:

Somos um povo infeliz, bombardeado pela felicidade. (...) Hoje, industrializado, procurado, fotografado, caro (às vezes), o sorriso vende. Vende creme dental, passagens, analgésicos, fraldas, etc. E como a realidade sempre se confundiu com os gestos, a televisão prova diariamente, que ninguém mais pode ser infeliz. Entretanto, quando os sorrisos descuidam, os noticiários mostram muita miséria. Enfim, somos um povo infeliz, bombardeado pela felicidade. (Às vezes por outras coisas também) (ZÉ, 1968: 1)

As figuras metafóricas do sorriso e da felicidade podem ser entendidas aqui como a aparência de positividade associada a produtos vendidos por estratégias de marketing nos meios de comunicação de massa, que acabam por gerar necessidades de consumo supérfluas. Contrastando com essa aparência positiva, Tom Zé destaca a infelicidade presente na pobreza, na desigualdade social do país e desejos de consumo frustrados. Através de críticas não apenas às estratégias de sedução dos consumidores, mas também à dinâmica desenfreada de São Paulo, à obsessão pelo trabalho, à ganância, aos “bons costumes” e às contradições de uma metrópole emergente delinea-se o núcleo temático das canções, intituladas como “São São Paulo”, “Curso Intensivo de Boas Maneiras”, “Catecismo, Creme Dental e Eu”, “Não Buzine Que Eu Estou Paquerando”, “Parque Industrial”, entre outras.

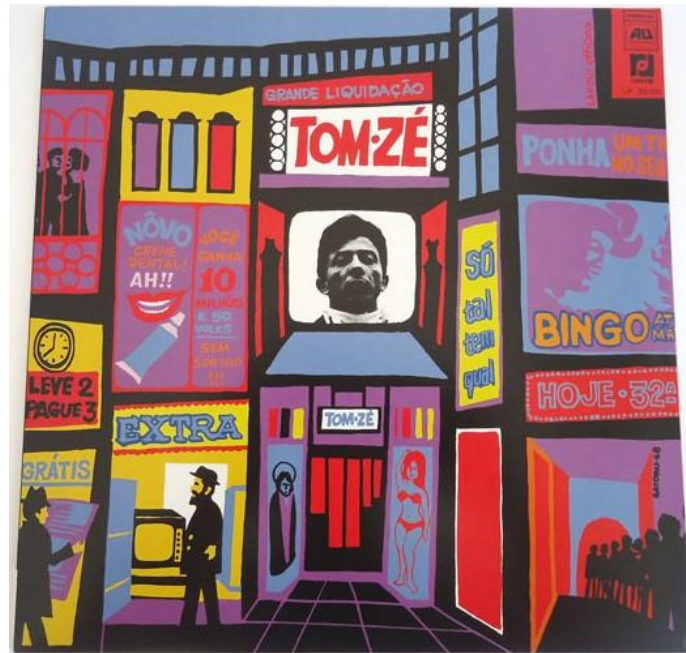


Fig. 1 – Capa do disco *Grande Liquidação: Tom Zé* (1968)

A capa do disco também se alinha ao núcleo temático do disco, retratando a fachada de uma rua comercial com placas e anúncios reluzentes em cores vibrantes, destacando símbolos de consumo do cotidiano, presentes em normalmente em espaços comerciais de um contexto urbano. No centro, se destaca uma tela de televisão com a imagem de Tom Zé, que era um meio de comunicação em ascensão no período. Expressões empregadas como “Extra”, “Grátis”, “Grande liquidação” ou “Novo produto” se remetem ao tipo de anúncio utilizado em estratégias marketing do setor publicitário. Como veremos em análises posteriores, Tom Zé emprega símbolos do consumismo não somente na capa e nos textos da contracapa, mas também nas letras de algumas canções, algo que marca a relação dialógica dos diversos aspectos constitutivos do disco (capa, textos da contracapa, letras, músicas, etc).

Considerando que ao longo das décadas de 1960 e 1970 se consolida o mercado de bens simbólicos (cf. ORTIZ, 1994), a televisão se concretiza como veículo de comunicação de massa e, configura-se de maneira mais concreta uma sociedade de consumo principalmente nas grandes metrópoles, pode-se dizer que as questões tratadas criticamente no disco de Tom Zé ilustram satiricamente certas mudanças pelas quais passava a sociedade brasileira na época associadas ao modelo de desenvolvimento imposto pelo regime militar.

Sobre esse processo de expansão do mercado de bens culturais e consolidação da indústria cultural, Ortiz afirma (1994: 121):

O que caracteriza a situação cultural nos anos 60 e 70 é o volume e a dimensão do mercado de bens culturais. Se até a década de 50 as produções eram restritas, e atingiam um número reduzido de pessoas, hoje elas tendem a ser cada vez mais diferenciadas e cobrem uma massa consumidora. Durante o período que estamos considerando, ocorre uma formidável expansão, a nível de produção, de distribuição e de consumo da cultura; é nesta fase que se consolidam os grandes conglomerados que controlam os meios de comunicação e da cultura popular de massa. Os dados, quaisquer que sejam eles, confirmam o crescimento dessa tendência.

Com o investimento maciço na economia, que fora realizado pelo Estado militar, os meios de comunicação de massa se desenvolveram e se expandiram, passando a adquirir o caráter integrador e complementar de vários setores, como o editorial, o fonográfico, o da publicidade e principalmente o da televisão. Com a crescente popularização do acesso aos aparelhos televisores, a programação televisiva ganhou cada vez mais predominância no que se refere ao incentivo para o consumo, recebendo maior receita dos anunciantes, se comparada à de outros meios de comunicação. No setor de publicidade e propaganda não foi diferente, pois se registrou em um curto intervalo de tempo uma enorme evolução no volume de investimentos. Se no ano de 1964 foi investido um total de 152 milhões de cruzeiros em propagandas, quatro anos depois esse valor seria multiplicado em seis vezes (ORTIZ, 1994: 130).

Imerso nesse contexto político-econômico de um crescente desenvolvimento da indústria cultural e aprimoramento da racionalização dos mecanismos de atuação no mercado, Tom Zé compôs doze canções que ilustram satiricamente as transformações de uma sociedade resultantes do modelo de desenvolvimento vigente naquele período.

## **2. Algumas críticas canções de *Grande Liquidação***

Como primeira faixa do disco, “São São Paulo” é a canção com a qual Tom Zé venceu o IV Festival de MPB da TV Record em 1968 e conquistou seus primeiros prêmios (“Viola de Ouro” e “Sabiá de Prata”) e certo destaque na mídia em território nacional. Na letra da canção, Tom Zé descreve o cotidiano da cidade de São Paulo de uma maneira poética e satírica, a partir de suas impressões da grande cidade obtidas e interpretadas sob a lente da sua experiência da sociabilidade de um contexto comunitário de Irará.

Nos primeiros versos (“São oito milhões de habitantes / De todo canto e nação / Que se agridem cortesmente / Correndo a todo vapor / E amando com todo ódio / Se odeiam com todo amor”), fica evidente a referência às grandes proporções da metrópole, à sua dinâmica acelerada e à ideia de um tratamento contraditório entre os habitantes, que se mostra

cortês e educado, porém ao mesmo tempo oculta sua face agressiva. O pesquisador Christopher Dunn comenta sobre esse aspecto contraditório: “temos aqui a imagem de São Paulo como uma cidade global com habitantes de ‘todo canto e nação’ que têm a experiência de cidadania ou de pertencimento, em termos de uma civilização formalizada, que mascara a hostilidade relacionada à competição em uma grande cidade moderna”<sup>2</sup> (DUNN, 2009: 219).

Na segunda estrofe, Tom Zé explora uma dualidade que Lima (2010: 130) identificou na capa do disco: “abaixo da imagem de Tom Zé na TV em preto e branco, há um portal mostrando duas opções entre o sagrado e o profano”. Empregando um tipo de linguagem religiosa (“Salvai-nos por caridade”, “pecadoras”), faz-se referência a uma “invasão” de prostitutas no centro da cidade e cria-se conseqüentemente uma oposição de ideias – o sagrado e o profano (a salvação e o pecado). Contudo, em vez de condenar as “pecadoras”, o enunciador as festeja (“Dando vivas ao bom humor / num atentado contra o pudor”), supostamente legitimando o despudor e a imoralidade, como uma sutil crítica aos “bons costumes” e a demagogia do discurso hegemônico ditatorial.

A próxima canção do disco “Curso Intensivo de Boas Maneiras” sugere certa ironia já em seu título e sua letra também traz críticas do que eram considerados “bons costumes”. Ao longo da letra (“Fique à vontade / Tchau, good bye, / Ainda é cedo, / Alô, como vai?”), Tom Zé faz uma sátira dos cursos de etiqueta dados por Marcelino de Carvalho (daí os versos “Com Marcelino vou estudar / boas maneiras para me comportar”), um jornalista e professor de etiqueta do período, que apresentava um programa na TV Record chamado “Domingo com Marcelino” e publicou diversos livros apresentando instruções do que seria um pressuposto “bom comportamento” e “bom gosto”, signos de distinção da alta classe social. Contudo, a crítica desse pressuposto logo se revela no recurso irônico da linguagem. Ao reproduzir o discurso da classe dominante de uma maneira estranhamente didática (“Primeira lição / Deixar de ser pobre / que é muito feio”) e disciplinadora (“Da nobre campanha / Contra o desleixo / Vou participar”), Tom Zé inverte o seu sentido valorativo e, deste modo, constrói uma crítica explícita ao que era reconhecido como valores e comportamento associados à elite e à classe dominante.

É interessante observar que apesar das seções da canção estarem na tonalidade de Lá menor e Lá maior, o solo de oboé e fagote apresenta características atonais (transcrição abaixo) e, provavelmente, foi escrito por algum dos arranjadores Damiano Cozella ou Sandino Hohagen. Apesar de ser um trecho curto, a escolha de trazer um solo atonal na canção (em vez de um solo tonal, dentro dos padrões do mercado) certamente é um ato consciente e marca nessa canção o caráter transgressor da poética de Tom Zé no plano

musical, incorporando um procedimento do atonalismo da Segunda Escola de Viena à música popular.



Ex. 1 – Solo atonal de oboé e fagote em “Curso Intensivo de Boas Maneiras”

Como terceira faixa do disco, “Glória” também faz uma crítica dos “bons costumes” cultivados pela classe dominante do período, contudo com foco na instituição familiar. Através de uma linha narrativa linear e descritiva, Tom Zé conta a história de um pai de família educando seus filhos, com todos os valores que são admitidos como legítimos (“Como um grande chefe de família / ele soube sempre encaminhar / seus filhos para a glória / glória, glória eterna”). Enquanto descreve essas crenças e valores, recorre ao recurso da ironia e o aproveita para tecer críticas ao acúmulo de capital (“por segurança foi-lhes ensinando / a juntar muito dólar / dólar, dólar na terra”), ao cultivo da tradição e dogmas religiosos (“Ensinou-lhes bem cedo a defender / a família e a tradição / balançando a bandeira do bem / o pecado punir sem perdão”) e à desonestidade nas decisões (“Ensinou-lhes bem cedo que a honra / todos devem cultivar / entretanto, ao tomar decisões / ela nunca deve atrapalhar”). Nesse sentido a canção se alinha ao projeto temático do disco, tecendo críticas aos “bons costumes”, aos dogmas religiosos e também aos valores pequeno-burgueses, conservadores, cultivados pela classe média, segmento ou classe social que apoiou o golpe militar em 1964.

Compartilhando uma visão crítica similar de “Glória”, que condenava os valores conservadores e religiosos e da instituição familiar das classes dominantes, a canção “Ele falava nisso todo dia” de Gilberto Gil conta a história de um rapaz que sacrificava o presente em nome do futuro, para garantir a herança, a segurança da família, e que acaba morrendo atropelado aos vinte e cinco anos. A morte prematura do rapaz pode representar o

despropósito do sacrifício pelo acúmulo de dinheiro frente à efemeridade da vida. Assim, a semelhança da temática de “Glória” de Tom Zé e a canção de Gilberto Gil expressa de certa maneira uma corrente de pensamento esquerdista que confrontava a ideologia religiosa católica e conservadora, que apoiou a instauração do regime militar – como ficou marcado em eventos como a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” ocorrida em 19 de março de 1964. Organizada por setores conservadores do clero e por entidades femininas em resposta ao comício de João Goulart, no qual o presidente anunciou o programa de reformas de base, a primeira marcha reuniu cerca de quinhentas mil pessoas em São Paulo, no dia de São José, padroeiro das famílias segundo o catolicismo. Por temor ao avanço comunista e a uma possível perda de bens e terras pela elite, tais mobilizações contribuíram para influenciar a opinião pública ao consentimento do golpe militar, o qual foi posto em prática ainda no mesmo mês (cf. MOTTA, 2002).

Em relação ao acompanhamento musical, a canção conta com o grupo os Brasões e instrumentos de sopro; presumidamente trombone, trompete, sax e clarinete. O arranjo apresenta dois tipos distintos de acompanhamento: o do refrão, que se baseia em um *lick* do órgão em acentuação e linhas de condução rítmica de *rock* e o dos versos, que consiste em linhas de condução características do forró. Vale à pena observar que o arranjo ressalta certo aspecto crítico da letra, pois sempre que as palavras “glória” e “dólar” são cantadas, o coral e os metais se integram à execução, formando um tipo de sonoridade que lembra corais de igrejas norte-americanas. Desta maneira, pode-se dizer que a crítica é ressaltada na medida em que as palavras “glória” e “dólar” são associadas, expressando, de certa maneira, a sacralização do dinheiro.

A canção “Sem Entrada e Sem Mais Nada” também se alinha ao projeto temático do disco, pois traz em sua letra críticas às contradições da sociedade de consumo. Em tom festivo, o eu-lírico conta as vantagens do crediário (“Sem entrada e sem mais nada / Sem dor e sem fiador”, “Com a minha assinatura / Eu compro até alfinete / Palacete e dentadura”) e o seu amplo uso em tempos recentes, em contraposição à maneira como ele era mal visto e condenado no passado (“Mas o fiado que era maldito / Hoje vai de mão em mão”). Nos versos finais a crítica ao consumismo fica evidente, dado que você consegue comprar e trocar, contudo, vive sufocado à prestação. Ou seja, apesar de garantir bens materiais, tem que lidar com o desconforto de pagar cada parcela, às vezes vivendo no limite do orçamento. Tom Zé tece uma crítica também à religião, quando propõe comprar sua eterna salvação no crediário, como se fosse uma espécie de venda modernizada de indulgência – prática abusiva da venda



de documentos que concederiam o perdão de todo o tipo de pecados e que atingiu seu auge na igreja católica medieval.

### 3. Considerações finais

Com a breve apreciação do disco Tom Zé – Grande Liquidação e as análises de “São São Paulo”, “Curso Intensivo de Boas Maneiras”, “Glória” e “Sem Entrada e Sem Mais Nada”, percorridas acima, investigamos o projeto estético concebido pelo artista, verificando de que maneira a produção do artista traduziu certas transformações pelas quais passavam a sociedade no contexto de um fenômeno crescente da urbanização, da configuração mais concreta de uma sociedade de consumo e de uma indústria cultural. No campo semântico das letras das canções, observamos que Tom Zé dirigiu críticas a certas questões políticas e culturais do momento, como o moralismo ideológico e a ética desenvolvimentista do regime militar e as estratégias de marketing, comuns em uma sociedade de consumo emergente.

#### Referências:

DUNN, Christopher. *Tom Zé and the performance of citizenship in Brazil*. Popular Music, 28, pp. 217-237, 2009.

GATTI, Luciano. *Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire*. Kriterion, Belo Horizonte, v. 50, n. 119, Junho 2009.

LIMA, Márcio Soares Beltrão de. *O design entre o audível e o visível de Tom Zé*. Dissertação de Mestrado em Design. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2010.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/ FAPESP, 2002.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Adones de. Festival e um depoimento de Tom Zé. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 dez. 1968. Folha Ilustrada, p. 2.

ZAN, José Roberto. *Do fundo de quintal à vanguarda: contribuição para uma história social da música popular brasileira*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1997.

ZÉ, Tom. *Tom Zé – Grande Liquidação*. Rozemblit, 1968. LP.

\_\_\_\_\_. *Tropicalista Lenta Luta*. São Paulo: Publifolha, 2003.

#### Notas





---

<sup>1</sup> Em seus ensaios sobre a obra de C. Baudelaire, Walter Benjamin conceitua dois tipos distintos de experiência para compreender a concepção de modernidade do poeta. A verdadeira experiência (*Erfahrung*) é vivenciada em contextos comunitários tradicionais, como uma conjunção entre traços do passado individual e do coletivo. Assim, “a experiência está condicionada à atividade de rememoração que instaura a possibilidade de que o passado individual se insira no contexto mais amplo da comunicação entre gerações sucessivas que formam a tradição” (GATTI, 2009, p. 173). O declínio da *Erfahrung* vem com a modernidade e o surgimento da *urbe*, como espaço de sociabilidade incapaz de integrar seus habitantes em uma experiência comum. O curso acelerado do tempo consome rapidamente o presente e impede que o indivíduo atualize o passado, daí “a impossibilidade de construir uma experiência nas condições históricas da produção incessante do novo que sustenta a modernidade” (cf. GATTI, 2009).

<sup>2</sup> Tradução nossa.